

Senado

A nova mesa diretora

Presidente:

Renan Calheiros (PMDB-AL)

1º Vice-presidente:

Tião Viana (PT-AC)

2º Vice-presidente:

Antero Paes de Barros (PSDB-MT)

1º Secretário:

Efraim Morais (PFL-PB)

2º Secretário:

João Alberto Souza (PMDB-MA)

3º Secretário:

Paulo Octávio (PFL-DF)

4º Secretário:

Eduardo Siqueira Campos (PSDB-TO)

Líderes de partido

PT: Delcídio Amaral (MS)

PMDB: Ney Suassuna (PB)

PTB: Moacir Cavalcanti (RR)

PDT: Osmar Dias (PR)

PSDB: Arthur Virgílio (AM)

PFL: José Agripino (RN)

Líder do governo na Casa: Aloizio Mercadante (PT-SP)

Líder do governo no Congresso: Fernando Bezerra (PTB-RN)

Eleito por aclamação, Calheiros assume presidência do Senado

Daniel Pereira
de Brasília

Líder do governo de Fernando Collor de Mello na Câmara em 1990 e ministro da Justiça na gestão de Fernando Henrique Cardoso, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) foi eleito ontem presidente do Senado e líder máximo do Congresso. Foi aclamado com o voto de 72 dos 81 senadores. Cinco colegas não votaram e outros quatro registraram a palavra "não" no painel eletrônico, para decepção de Renan, único candidato ao cargo.

No Senado, os parlamentares respeitaram o princípio da proporcionalidade, que garante ao partido de maior bancada, no caso o PMDB, o controle da Casa. "O que há no Senado é um clima de convergência. Os líderes conseguiram criar isso", afirmou Renan antes da eleição. No ano passado, tal consenso não existia. Para chegar ao topo do Legislativo, Renan teve de enfrentar o antecessor na função, senador José Sarney (PMDB-AP), e derubar a proposta de emenda à Constituição que abria a possibilidade de reeleição das mesas diretoras da Câmara e do Senado.

Com a vitória assegurada, Renan — famoso pela habilidade na arte da negociação política — passou a articular uma compensação a Sarney, que será consumada com a nomeação da senadora Roseana Sarney (PFL-MA) para um dos ministérios, na reforma a ser realizada em breve pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ontem, Renan e Sarney trocaram elogios, fizeram críticas parecidas ao Executivo e defenderam as mesmas prioridades para o Legislativo nos próximos anos.

E o caso da simplificação da legislação brasileira. "Que povo será capaz de compreender a utilidade e a necessidade de quase duas dezenas de milhares de leis, cujo significado nem os mais sábios de nossos juristas e os mais hábeis dos advogados são capazes de entender, dominar e compreender. Enfrentar esse problema é a grande atribuição que o Legislativo pode dar para que o Judiciário venha a executar plenamente a sua missão", declarou Renan no discurso de posse.

Ele também cobrou a elaboração de uma lei orçamentária que seja de fato executada e lembrou ao Executivo a necessidade de não "governar legislando", em referência à prática recorrente de edição de medidas provisórias. "Praticamos um casuísmo talvez mais gra-

ve que o que promove vantagens pessoais, praticamos um casuísmo de Estado. As medidas provisórias são sua consagração", afirmou Sarney no discurso de despedida da presidência.

Mea-culpa

Sarney fez um mea-culpa no caso das MPs, ao dizer que o Legislativo não consegue acompanhar a demanda de normas apresentada pela sociedade, já que está envolvido em um "processo legiferante de abundâncias de leis redundantes". "A meu ver, o País caiu numa cilada de difícil solução. Com as MPs, é impossível aprofundar a democracia e dar regularidade ao processo legislativo. Sem elas, para atender os problemas urgentes e relevantes no dia a dia da administração financeira, é impossível governar", afirmou o ex-presidente.

Calheiros prometeu promover uma "revolução" e não apenas uma reforma na lei que estabelece a tramitação e votação do Orçamento da União e, também, analisar não só o rito "mas a própria subs-

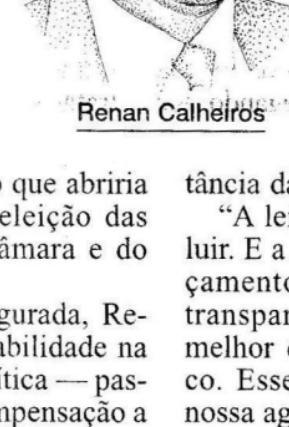
tância das medidas provisórias".

"A lei do orçamento há de evoluir. E a evolução significa um orçamento mais impositivo, mais transparente e que garanta uma melhor qualidade do gasto público. Esse tema estará no topo da nossa agenda nos próximos anos", afirmou Calheiros.

Ainda no seu discurso de posse, o parlamentar destacou que o Senado vive, hoje, o maior de seus desafios, que é garantir o crescimento continuado, homogêneo a médio e longo prazos. "A tarefa mais importante do parlamento hoje é uma só: vamos deixar o Brasil crescer. Chegou a hora de tirarmos as amarras que minam as energias da Nação", ressaltou o presidente do Senado.

Renan Calheiros acrescentou que, neste sentido, o Senado tem que ser "ator principal" e não mero coadjuvante na consolidação do ambiente adequado ao desenvolvimento do País.

Os demais componentes da nova mesa diretora do Senado foram eleitos em bloco e receberam mais votos do que Renan Calheiros — 75 a favor, um contra e uma abstenção. Tião Viana (PT-AC) e Antero Paes de Barros (PSDB-MT) foram escolhidos para ocupar, respectivamente, a primeira e a segunda vice-presidência da Casa. Já a primeira secretaria, espécie de prefeitura do Senado e para onde estão voltadas as atenções dos servidores, ficou com Efren Morais (PFL-PB).



Renan Calheiros